



---

## **A FILOSOFIA TEOLÓGICA DE FILIPE MELANCHTON: ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS, LEGADO E RELEVÂNCIA PARA A FILOSOFIA DA RELIGIÃO**

*Philip Melancthon's theological philosophy: Contemporary studies, legacy and relevance for the philosophy of religion*

Eduardo Gross \*

**Resumo:** Filipe Melanchthon é um pensador praticamente desconhecido no Brasil, particularmente no âmbito dos estudos filosóficos. Tendo sido um dos principais representantes dos ideais da Reforma protestante no século 16, em geral é lembrado apenas como um colaborador de Lutero. Entretanto, Melanchthon foi um intelectual multidisciplinar, formado a partir dos ideais do humanismo renascentista, tendo publicado abundantemente em diversas áreas, como estudos de línguas (particularmente latim e grego), análise literária de obras da antiguidade clássica, astrologia, astronomia, história, educação, retórica e filosofia (particularmente ética e lógica). Além disso, foi idealizador e promotor de uma profunda reformulação do ambiente escolar e universitário alemão, o que lhe valeu o título de *praeceptor germaniae*. Isso ao lado de seu engajamento com o movimento religioso da Reforma e as tarefas de elaboração teológica, as controvérsias doutrinárias e a organização prática da vida eclesial que tal engajamento implicava. Aqui se abordam estudos contemporâneos sobre a compreensão do papel da filosofia no pensamento de Melanchthon, apontando desdobramentos da mesma particularmente para a compreensão filosófica da religião. Ernst Troeltsch já tinha demonstrado como esta concepção peculiar de

---

\* Doutor em teologia pela EST-RS. Docente permanente nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Religião e em Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG; docente colaborador no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe. Artigo recebido a 21/11/2017 e aprovado para publicação a 25/11/2017.

Melanchthon se tornou base para a organização dos estudos universitários durante o período conhecido como ortodoxia protestante, que antecedeu a época do Iluminismo. A situação da pesquisa sobre um dos modos paradigmáticos como se fundamentou a relação entre religião e racionalidade apresenta a relevância deste pensador para a compreensão do desenvolvimento da filosofia da religião.

Palavras-chave: Melanchthon. Humanismo. Protestantismo.

**Abstract:** Philip Melanchthon is a practically unknown thinker in Brazil, especially in the realm of philosophical studies. Being one of the main representatives of the ideals of the Protestant Reformation in the 16. Century, he is generally remembered only as Luther's right-hand man. Nevertheless, Melanchthon was a multidisciplinary intellectual. Shaped in the humanistic ideals of the Renaissance, he abundantly published in many fields, from language studies (particularly Latin and Greek), literary analysis of classical antiquity works, astrology, astronomy, history, education, to rhetoric and philosophy (particularly ethics and logic). In addition, he idealized and promoted a deep reformulation of the German school and university system, for which he was awarded the title of *praeceptor germaniae*. This besides his engagement with the religious movement of the Reformation, his theological elaboration, and the doctrinal controversies as well as the practical organization of church life which such engagement implied. This paper will examine some contemporary studies on the role philosophy played in Melanchthon's thought, particularly its contribution to the philosophical understanding of religion. Ernst Troeltsch had already shown how Melanchthon's peculiar conception had become the basis for the organization of university studies during the period known as Protestant orthodoxy that preceded the Age of Enlightenment. The state of research on one of the paradigmatic modes through which the relationship between religion and rationality was founded shows Melanchthon's significance for understanding the development of the philosophy of religion.

Key-words: Melanchthon. Humanism. Protestantism.

## **Introdução**

**H**á uma visão disseminada de que a tradição protestante – e particularmente a luterana – se contrapõe à racionalidade e rejeita a interlocução com a filosofia. Isso geralmente se fundamenta em algumas citações famosas de Lutero chamando a razão de prostituta ou rejeitando Aristóteles.<sup>1</sup> Essa é uma perspectiva reducionista demais. É apropriado dar atenção ao que fez Heinrich Heine em sua descrição do pensamento religioso e filosófico alemão: Colocando Lutero no início da

---

<sup>1</sup> Para uma discussão recente visando uma perspectiva mais ampla sobre a relação entre fé e razão em Lutero, cf. WESTHELLE, Vitor; ZWETSCH, Roberto. *Fides et Ratio*. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

sua apresentação, ele indicou como o desenvolvimento da filosofia alemã não deveria ser desvinculado da atuação do reformador.<sup>2</sup> Em conexão com isso, cabe acrescentar que as reflexões de Filipe Melanchthon sobre o tema da liberdade, sobre retórica e sobre ética influenciaram bastante o desenvolvimento posterior da filosofia, e particularmente a compreensão da sua relação com o tema da religião. A sua contribuição como humanista, por sua vez, propiciou um espaço significativo para que princípios do movimento da Reforma se refletissem no ambiente universitário científico e filosófico que se seguiu. Evidentemente, há limitações contextuais óbvias no pensamento de Melanchthon. Não se trata, aqui, de uma apologética em relação a sua obra, mas de uma averiguação da relevância de seu legado.<sup>3</sup>

Heiz Scheible organiza a sua biografia de Filipe Melanchthon em torno das diversas facetas que caracterizam a vida e a obra deste personagem. Conhecê-lo leva a um enriquecimento significativo em relação àquela compreensão comum de que se trataria simplesmente de um auxiliar qualificado de Lutero. Scheible apresenta sua vinculação e contribuição efetiva com o humanismo do norte europeu. Mostra sua importância para a reflexão pedagógica e para a transformação prática do sistema de ensino e universitário no âmbito de influência da Reforma. Exibe suas perspectivas específicas no contexto do movimento reformatório da igreja, incluindo suas confluências e divergências com outras lideranças, Lutero inclusive, o que inclui seu papel como escritor de textos que se tornaram fundamentos confessionais do que veio a se constituir como Luteranismo. Mas se dedica também a demonstrar a importância de Melanchthon enquanto pensador autônomo, tanto no âmbito da reflexão filosófica, tal como entendida na época, quanto no da teologia e da interpretação bíblica. O fato de Melanchthon ser o autor da primeira dogmática protestante, os *Loci theologici* de 1521, merece destaque nesse sentido. Paralelamente, Scheible ainda destaca sua atividade como liderança religiosa – apesar de não ser ministro ordenado – e a consequente importância político-diplomática que exerceu em sua trajetória. É em meio a essa atividade múltipla, típica de tantos personagens significativos do período renascentista, que sua reflexão contribuiu com as bases para uma filosofia natural que espelhasse princípios oriundos da teologia reformatória inspirada em Lutero.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> HEINE, Heinrich. *Zur Geschichte der Religion und Philosophie in Deutschland*. S. n : s. 1., 1835. Ebook.

<sup>3</sup> As limitações do pensamento de Melanchthon a partir de uma perspectiva moderna foram tema exposto de modo exemplar por TROELTSCH, Ernst. *Vernunft und Offenbarung bei Johann Gerhard und Melanchthon*, de 1891. In: TROELTSCH, Ernst. *Kritische Gesamtausgabe*. Berlin: de Gruyter, Bd. 1: ALBRECHT, Christian, Ed. *Schriften zur Theologie und Religionsphilosophie* (1888-1902) 2009, p. 73-338.

<sup>4</sup> SCHEIBLE, Heinz. *Melanchthon : Uma biografia*. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2013.

## ***As pesquisas filosóficas sobre Melanchthon***

Cabe apenas uma referência rápida sobre a ausência de pesquisas sobre Melanchthon em geral no Brasil. Particularmente quanto à relação da sua obra com a filosofia, estas são inexistentes.<sup>5</sup>

No que diz respeito à pesquisa filosófica sobre Melanchthon é preciso examinar a situação em outros contextos. Atualmente a situação não é de um desenvolvimento intenso a respeito. Os últimos filósofos mais renomados que trataram da importância filosófica de Melanchthon foram Wilhelm Dilthey e Hans-Georg Gadamer.<sup>6</sup> Estas menções precisam ser encaradas como um estímulo para o reconhecimento de sua importância e para a dedicação ao estudo de sua obra.

Günter Frank deve ser considerado o mais importante estudioso da dimensão filosófica da reflexão melanchthoniana. Ao se dedicar a tal pesquisa, Frank também representa um modelo metodologicamente importante, uma vez que não despreza o aspecto teológico desta reflexão para o exame das ideias filosóficas nela presentes. Trata-se do pesquisador que no momento apresenta o maior número e os mais profundos estudos sobre Melanchthon, além de ser um aglutinador em torno do tema, à medida que tem fomentado debates e edições de coletâneas que expressam os desenvolvimentos da pesquisa. O fato de ser diretor da *Europäische Melanchthon-Akademie Bretten*,

---

<sup>5</sup> O levantamento bibliográfico realizado localizou os seguintes estudos acadêmicos: RIETH, Ricardo Willy. O pensamento teológico de Filipe Melanchthon (1497-1560). *Estudos Teológicos*. São Leopoldo: EST. V. 37, n. 3, p. 223-235, 1997; SCHÜLER, Arnaldo. Filipe Melanchthon: nascido para o diálogo. *Igreja Luterana*, v. 56, Jun. 1997, p. 7-14; ALBRECHT, Paulo Samuel. *Filipe Melanchthon (1497-1560): Vida, teologia e figura do outro reformador de Wittenberg*. Dissertação de mestrado em Teologia. Rio de Janeiro : PUC, 2013; SCHEIBLE, Heinz. *Melanchthon: Uma biografia*. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2013; JUNGHANS, Helmar. Filipe Melanchthon como secretário teológico. In: \_\_\_\_\_. *Temas da teologia de Lutero*, 2a. ed. São Leopoldo : Sinodal, 2007, p. 140-169. Textos de Melanchthon traduzidos encontrados foram: MELANCHTHON, Filipe. *Lutero visto por um amigo*. Tradução de Walter Hesse. Porto Alegre: Concórdia, 1983; também os textos confessionais luteranos, MELANCHTHON, Filipe. Apologia da Confissão de Augsburg. In: LIVRO de concórdia, 3a. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1983, p. 97-304; e A CONFISSÃO de Augsburg (1530). In: LIVRO de concórdia, 3a. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1983, p. 23-93, sendo que este último não é atribuído na impressão a Melanchthon, por se tratar de um texto subscrito por lideranças religiosas e políticas da Reforma, mas é de conhecimento público geral ter tido Melanchthon como formulador original e principal, em diálogo com outras personalidades. Está em processo a publicação, prevista para 2018, de uma edição bilíngue, latim e português, dos *Loci Theologici* de 1521, editada e traduzida por mim.

<sup>6</sup> FRANK, Günter; MUNDT, Felix. Vorwort der Herausgeber. In: FRANK, Günter; MUNDT, Felix (Ed.) *Der Philosoph Melanchthon*. Berlin: de Gruyter, 2012a, p. V; FRANK, Günter. Einleitung: Zum Philosophiebegriff Melanchthons. In: FRANK, Günter; MUNDT, Felix (Ed.) *Der Philosoph Melanchthon*. Berlin: de Gruyter, 2012a, p. 1. O estudo de Frank sobre a ética de Melanchthon, FRANK, Günter. Melanchthon — der „Ethiker der Reformation“. In: FRANK, Günter; MUNDT, Felix (Ed.) *Der Philosoph Melanchthon*. Berlin, Boston: de Gruyter, 2012b, p. 45-75, dialoga particularmente com o estudo de Dilthey.

sediada na cidade-natal do pensador, atesta e facilita a centralidade da sua contribuição. Charles Peterson sintetiza da seguinte forma o escopo do que Günter Frank intenciona mostrar: “Melanchthon decididamente preparou o caminho para o racionalismo posterior e a filosofia do Iluminismo...”<sup>7</sup> Uma preocupação central do livro de Frank *Die theologische Philosophie Philipp Melanchthons* tanto quanto da obra subsequente de Frank tem sido uma tentativa de responder a questão relativa a como Melanchthon tenha de tal modo podido preparar este caminho.”<sup>8</sup> Ainda: “Longe de qualquer tipo de des-racionalização, de acordo com Frank, ‘a compreensão de Melanchthon sobre a natureza é uma visão de mundo metafísica otimista’, de acordo com a qual ‘Melanchthon reconhece a racionalidade e a inteligibilidade do mundo.’”<sup>9</sup> A interpretação de Peterson é de que Günter Frank acentua a herança do platonismo presente na filosofia de Melanchthon, o que se reconheceria particularmente na sua discussão fundamental a respeito de um conhecimento prévio de Deus, universalmente presente no gênero humano.<sup>9</sup> Esta concepção é bastante interessante, porque ela permite um ponto de partida para contraposições de perspectivas no âmbito das pesquisas sobre Melanchthon.<sup>10</sup> Em todo caso, as pesquisas de Frank de modo nenhum se restringem a defender que este fosse simplesmente um platônico. Em seu texto *Melanchthon — der „Ethiker der Reformation“*, por exemplo, é evidente que Frank reconhece, como a maioria dos pesquisadores, o caráter multifacetado das influências filosóficas sofridas pelo pensador. A primeira parte deste texto mostra a importância de Aristóteles para as formulações de Melanchthon. Em seguida, Frank apresenta como a apropriação de Cícero é marcante. Esta retomada dos autores clássicos, por sua vez, é enquadrada na perspectiva da crítica humanista renascentista à escolástica posterior.<sup>11</sup>

---

<sup>7</sup> “Melanchthon decidedly prepared the way for later rationalism and the philosophy of the Enlightenment...” A central concern of Frank’s book *Die theologische Philosophie Philipp Melanchthons* as well as much of Frank’s subsequent work has been an attempt to answer the question how Melanchthon could have so prepared this way.” PETERSON, Charles William. *The Humanistic, Fideistic Philosophy of Philip Melanchthon (1497-1560)*. Tese. Doutorado em Filosofia. Marquette University. Milwaukee, 2012. Disponível em: <[http://epublications.marquette.edu/dissertations\\_mu/237/](http://epublications.marquette.edu/dissertations_mu/237/)>. Acesso a 20/08/2017, p. 63.

<sup>8</sup> “Far from any such de-rationalization, according to Frank, Melanchthon’s ‘understanding of nature is a metaphysical-optimistic worldview’ according to which ‘Melanchthon acknowledges the rationality and intelligibility of the world.’” PETERSON, *op. cit.*, p. 66.

<sup>9</sup> PETERSON, *op. cit.*, p. 63, 153, 161.

<sup>10</sup> Cabe aqui apontar para a tese diametralmente contrária, defendida por Peter Petersen, que em sua *Geschichte der aristotelischen Philosophie im protestantischen Deutschland*, inicia a exposição por Melanchthon. A visão de Petersen é de que Melanchthon teria considerado o platonismo do mesmo modo que se expressou mais tarde Goethe: um entusiasmo fanático (“Schwärmerei”). PETERSEN, Peter. *Geschichte der aristotelischen Philosophie im protestantischen Deutschland*. Leipzig: Meiner, 1921., p. 8-9.

<sup>11</sup> FRANK, Günter. Melanchthon — der „Ethiker der Reformation“. In: FRANK, Günter; MUNDT, Felix (Ed.) *Der Philosoph Melanchthon*. Berlin, Boston de Gruyter, 2012b, p. 45-75.

A historiadora da ciência Sachiko Kusukawa se debruçou sobre a importância da obra filosófica de Melanchthon para a compreensão da formulação de uma filosofia natural que desse sustentação ao estudo acadêmico da modernidade nascente. Nisso há em seus estudos um ponto básico comum à perspectiva apresentada por Dilthey e perseguida de um modo diferente por Günter Frank, assim como à abordagem apresentada por Ernst Troeltsch, de cuja importante obra ainda se tratará mais minuciosamente adiante. A contribuição de Kusukawa, em seu detalhamento, não se constitui a partir do tom polêmico – e às vezes irônico – da perspectiva de Troeltsch quando apresenta a filosofia natural de Melanchthon. Enquanto que este acentuava a retomada de elementos metafísicos aristotélicos nesta filosofia, Kusukawa ressalta a conjunção que Melanchthon elaborou entre a metafísica e o interesse pela pesquisa empírica. Ela faz referência ao fato de que Melanchthon estava atento, por exemplo, às pesquisas anatômicas de Vesalius e às observações astronômicas de Copérnico, argumentando a respeito dessas pesquisas em conexão com a filosofia natural que elaborava em função de seu impacto para as suas reflexões antropológicas. Ainda que Melanchthon tenha rejeitado o heliocentrismo copernicano a partir de razões teológico-bíblicas, ele não deixou de reconhecer a importância dos seus cálculos para a observação astronômica.<sup>12</sup> A perspectiva de historiadora da ciência que Kusukawa representa possibilita o reconhecimento de um valor nas formulações híbridas de Melanchthon no que se refere a sua filosofia natural com atenção à empiria nascente. Ela ajuda a matizar a perspectiva majoritariamente crítica de Troeltsch, que avalia Melanchthon primordialmente a partir da necessidade moderna de superação de sistemas metafísicos estáticos, mostrando que sua filosofia natural teológica teve também um impacto positivo importante para que se constituísse a perspectiva moderna. Nesse sentido, uma filosofia da religião moderna como a que foi formulada por Troeltsch, por mais que em termos ime-

---

<sup>12</sup> MELANCHTHON, Filipe. [MELANCHTHON, Philip.] (KUSUKAWA, Sachiko, Ed.). *Philip Melanchthon: Orations On Philosophy and Education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. XIX-XXII. Para uma compreensão contextual da polêmica em torno de Copérnico que foge à simplificação que normalmente é feita retrospectivamente a partir da nossa visão científica moderna, cf. DUBOIS, Claude-Gilbert. *O imaginário da Renascença*. Brasília: Editora UnB, 1995, p. 81-117, especialmente p. 101-102. Cf tb. WORTMANN, Klaas. *Religião e ciência no Renascimento*. Brasília: Editora UnB, 1997, p. 27-55, particularmente p. 46: “Copérnico não foi um copernicano. Se o centro do mundo mudara, por razões puramente matemáticas, ele continuava sendo um ponto fixo. Seu argumento continha, ademais, componentes teológico-estéticos: o Sol deveria ser o centro porque tinha um grau superior de perfeição, já que era a fonte da luz. O mundo tinha que ser esférico porque a forma esférica era a mais perfeita. A perfeição do mundo expressava-se também pela imobilidade das estrelas fixas, em contraste com o movimento do mundo inferior, corruptível.” Essas perspectivas merecem atenção para que se reconheça a importância da filosofia natural para a gestação da visão científica moderna nascente. Os próprios formuladores iniciais dessa visão, hoje às vezes apresentados como se já fossem caracterizados pela nossa perspectiva científica atual, argumentavam, entre outras coisas, com razões filosófico-teológicas, com perspectivas pitagóricas quanto a seus cálculos, com a busca da harmonia universal como um critério para seus sistemas.

diatos evidentemente possa ser mais significativa também ainda para nós hoje do que uma filosofia natural com pressupostos teológicos como a de Melanchthon, pode ser injusta em relação à sua própria dívida histórica em relação a esta. Naturalmente, não é de se crer que o próprio Troeltsch não tivesse plena consciência dessa dívida. Entretanto, para nós hoje é fundamental compreendermos que as formulações de uma filosofia da religião moderna como a de Troeltsch, no contexto do liberalismo teológico do século 19, precisavam da agudeza polêmica para abrir caminho diante dos restos de interferência dogmática na reflexão filosófica sobre a religião em seu tempo, ao passo que o olhar distanciado de Kusukawa permite uma avaliação serena da contribuição de Melanchthon com a sua filosofia.

Uma síntese geral sobre a dimensão filosófica de Melanchthon, com discussões pontuais com alguns dos principais estudiosos de sua obra, é a já citada tese de Charles William Peterson, *The Humanistic, Fideistic Philosophy of Philip Melanchthon (1497-1560)*. No desenvolvimento de seu texto, Peterson examina elementos de várias vertentes filosóficas que foram assumidos por Melanchthon, com destaque para elementos platônicos, aristotélicos, de Cícero e da retórica em geral. A caracterização do pensamento de Melanchthon em relação com o seu contexto humanista renascentista permite compreender a forma como o ecletismo foi um procedimento importante para a constituição da filosofia de Melanchthon. Por outro lado, a sua caracterização como fideísta representa a importância do influxo teológico reformatório sobre ela.<sup>13</sup>

Uma das questões mais significativas da reflexão de Melanchthon para a filosofia da religião é a discussão sobre a liberdade pessoal. O tema tem uma motivação teológica inicial evidente, remetendo ao conhecido debate entre Lutero e Erasmo a respeito da liberdade do arbítrio humano. Melanchthon, enquanto simultaneamente reformador e humanista, é desafiado em sua reflexão filosófica a tratar do tema, e o faz durante toda a sua vida. Em função disso, este ponto particular será debatido adiante, a partir do estudo de Peter Heinrich. Mas no contexto da apresentação das pesquisas sobre Melanchthon, cabe nesse aspecto ressaltar o estudo de Anne Eusterschulte, *Assensio: Wahlfreiheit in Melanchthons theologischer Grundlegung einer philosophischen Ethik*, centrado na pesquisa relativa à ética filosófica que caracteriza parte importante da obra do pensador. A partir de diversos textos dele, *Explicatio Symboli Niceni, Liber de Anima e Loci Theologici* (da segunda e da terceira épocas), ela também oferece uma visão nuançada em relação à ideia, em princípio correta, de Troeltsch, de que a filosofia de Melanchthon abriu caminho para uma filosofia natural protestante análoga ao que o sistema tomista representaria no catolicismo.

---

<sup>13</sup> PETERSON, Charles William. *The Humanistic, Fideistic Philosophy of Philip Melanchthon (1497-1560)*. Tese. Doutorado em Filosofia. Marquette University. Milwaukee, 2012. Disponível em: <[http://epublications.marquette.edu/dissertations\\_mu/237/](http://epublications.marquette.edu/dissertations_mu/237/)>. Acesso a 20/08/2017.

Isso porque, para ela, a relação entre liberdade humana e graça divina não é a mesma em Melanchthon e Tomás. Em Melanchthon, particularmente nas obras que representam o seu amadurecimento reflexivo, a fé inclui uma dimensão intelectual, à medida que a vontade da pessoa humana vive uma luta interna entre aceitar ou rejeitar a Deus, e a percepção desta situação pressupõe, portanto, tal dimensão. Entretanto, ela mostra como para Melanchthon isso se distingue de uma compreensão em que a razão é entendida como uma preparação para o acolhimento da fé, como ele entende ser o caso para Tomás. Para tal, ela remete a uma citação do próprio Melanchthon: “Tomás expressou essa substituição [isto é, da justificação só pela fé por uma justificação com a participação humana; literalmente, ‘sinédoque’] com essas palavras: Somos justos pela fé – evidentemente pela fé formada – por outras virtudes, o que não é nada mais do que dizer que as pessoas são justas por suas obras.”<sup>14</sup> Ou seja, em meio a uma controvérsia eminentemente teológica, a reflexão sobre a ética filosófica necessariamente sofre o influxo desta controvérsia. Para nós, por sua vez, a nuance interna que a controvérsia proporcionou obriga a matizar também o juízo mais geral formulado por Troeltsch. No caso, a razão é negada como instância preparatória para uma plenificação pela graça, e ela é entendida como instância de reconhecimento da tensão inescapável que perpassa a relação entre razão e fé na pessoa humana – o que se estende à toda a compreensão filosófica natural, como também ainda será apresentado com mais detalhe adiante, por um lado com a discussão sobre a concepção da dinâmica entre lei e evangelho, por outro com a reflexão sobre a importância que Melanchthon concede à dimensão dos afetos que condicionam a vontade. Mas, além disso, Eusterschulte também faz a importante observação de que a discussão sobre a questão da liberdade em Melanchthon não deve ser compreendida simplesmente como uma mimetização do debate ocorrido entre Lutero e Erasmo, mas que é preciso compreender as suas próprias reflexões como reação à tradição reflexiva proveniente desde a antiguidade.<sup>15</sup> O fato de que neste ponto Melanchthon se contrapõe a Lutero, quando entende que este defende um tipo de determinismo universal, é um ponto importante a ser notado nesse sentido.<sup>16</sup> Em síntese, a perspectiva da relação entre filosofia e teologia que

---

<sup>14</sup> “Thomas hanc Synecdochen his verbis expressit: Fide scilicet formata aliis virtutibus sumus iusti, quod nihil aliud est, quam dicere homines iustos esse suis operibus.” MELANCHTHON, Filipe, *Explicatio Symboli Niceni*. In: BRETSCHNEIDER, Carol. Gottl.; BINDSEIL, Henricus Ernestus (Ed.). *Corpus Reformatorum: Philippi Melanthonis opera quae supersunt omnia* Brunsviga: Schwetschke, 1855, V. XXIII, col. 347-584. v. 23, p. 457, apud EUSTERSCHULTE, Anne. *Assensio: Wahlfreiheit in Melanthon's theologischer Grundlegung einer philosophischen Ethik*. In: FRANK, Günter; MUNDT, Felix (Ed.) *Der Philosoph Melanchthon*. Berlin, Boston: de Gruyter, 2012, p. 38, cf. tb. nota 60.

<sup>15</sup> EUSTERSCHULTE, *op. cit.*, p. 36.

<sup>16</sup> Cf. HEINRICH, Peter. *Die Frage der menschlichen Willensfreiheit : Eine kurze Darstellung und Beurteilung ihrer Aufnahme und Entwicklung unter besonderer Berücksichtigung der Loci communes*. Nordhausen : Traugott Bautz, 2003. Ebook, onde ele faz a referência 85. Heinrich cita uma

a autora encontra em Melanchthon é a seguinte: “O que é fundamentado dogmaticamente em uma apresentação sintética nos escritos teológicos, é mostrado nos escritos filosóficos em uma argumentação detalhada. Só nisso já se mostra como a Filosofia ou a capacidade do juízo se torna efetiva como um fortalecimento na e através da fé.”<sup>17</sup>

### ***A dimensão filosófica no pensamento de Melanchthon a partir da dinâmica entre os conceitos teológicos de lei e evangelho***

Já foi mencionado acima que Melanchthon viveu simultaneamente como reformador religioso e como humanista. Compreender seu pensamento exige levar em conta esta duplicidade. Algumas vezes a interpretação que dele se faz é determinada pela ênfase no aspecto religioso, outras no aspecto humanista – sendo que esse último também ainda é causa de diferenciações, de acordo com o que se entenda por humanismo. Seja como for, é bastante característico apresentar o pensamento de Melanchthon como manifestação de uma contraposição de dois aspectos.<sup>18</sup> A síntese ansiada por ele seria, de acordo com muitas dessas perspectivas, um problema. Alia-se a isso uma tradição de compreensão de sua personalidade como sendo débil e sujeita a pressões que o teriam feito vacilar entre sua filiação ao humanismo e sua adesão à Reforma luterana. Independentemente de questões psicológicas que não cabem ser examinadas na presente exposição, é possível afirmar com alguma tranquilidade que tais representações são devidas à mesma tendência de ênfase na contraposição entre ambos os aspectos da reflexão de Melanchthon. Pode-se dizer que se a ênfase do intérprete estiver no aspecto humanista de Melanchthon a tendência é haver um certo lamento em relação à importância da dimensão teológica em sua reflexão, enquanto que se a ênfase estiver no aspecto teológico

---

carta de Melanchthon de 1559 e remete à coleção da suas obras no *Corpus reformatorum* 9, 766: “Eu rejeitei durante a vida de Lutero e desde então estes delírios estoicos e maniqueus que Lutero e outros escreveram, que todas as obras, boas e más, em todas as pessoas, boas e más, tivessem, pois, de ocorrer. Pois é evidente que este discurso é contrário à palavra de Deus, e é prejudicial à disciplina, e é blasfema contra Deus.” [“Ich habe bei Leben Lutheri und hernach diese Stoica et Manichaea deliria verworfen, daß Luther und andere geschrieben haben, alle Werk, gut und böß, in allen Menschen, guten und bößen, müßten also geschehen. Nun ist öffentlich, daß diese Rede wider gottes wort ist, und ist schädlich wider alle Zucht, und lästerich wider Gott.”]

<sup>17</sup> “Was in den theologischen, dogmatisch angelegten Schriften in zusammenfassender Darlegung begründet wird, wird in den philosophischen Schriften in einer detaillierten Argumentation ausgewiesen. Schon allein darin zeigt sich, wie die Philosophie oder das Urteilsvermögen als Befestigung im und durch den Glauben wirksam wird.” EUSTERSCHULTE, *op. cit.*, p. 33.

<sup>18</sup> MELANCHTHON, Filipe [Philip]. (MANSCHRECK, Clyde L., Ed., trad.). *Melanchthon on Christian Doctrine : Loci Communes 1555*. New York: Oxford University Press, 1965, p. VII.

a tendência é compreendê-lo como uma versão debilitada da teologia poderosa de Lutero.<sup>19</sup> Mas caso se procure examinar o pensamento de Melanchthon como um processo reflexivo autônomo, é preciso ao menos colocar entre parênteses, num primeiro momento, a comparação direta, seja com Lutero, seja com outros representantes do humanismo renascentista. Evidentemente, como qualquer pensador, ele viveu em um contexto específico e foi marcado pelas situações existenciais e pelas ideias com que entrou em contato, e conhecer essas influências é fundamental para uma compreensão efetiva de seu pensamento. Entretanto, quando se quer conhecer a sua elaboração reflexiva a partir de uma perspectiva filosófica da religião, as comparações com outros não deveriam ser o ponto de partida, sob pena de se negligenciar já em princípio, a partir de uma abordagem extrínseca, o que lhe é próprio.

Para exemplificar esta recepção conflitiva do pensamento de Melanchthon se exporá aqui uma síntese do texto de Peter Heinrich, *Die Frage der menschlichen Willensfreiheit : Eine kurze Darstellung und Beurteilung ihrer Aufnahme und Entwicklung unter besonderer Berücksichtigung der Loci communes* em contraposição ao já mencionado estudo clássico de Ernst Troeltsch, *Vernunft und Offenbarung bei Johann Gerhard und Melanchthon*, de 1891. Nessa contraposição, Heinrich representa o polo religioso confessional, e Troeltsch o do liberal moderno que pensa a religião filosófica e historicamente.

Peter Heinrich é um exemplo típico não só de uma postura dogmática tradicional, mas também do tema que tradicionalmente o posicionamento dogmático censura em Melanchthon – o seu distanciamento na abordagem da questão da vontade em relação ao que seria a posição adotada por Lutero. Mais ainda, trata-se de contrapor o pensamento de Melanchthon especialmente à exposição que Lutero faz em seu livro *De servo arbitrio*, na controvérsia sobre o tema com Erasmo. Assim, o procedimento de Heinrich consiste em mostrar que no desenvolvimento do seu pensamento, Melanchthon foi se afastando cada vez mais daquele modelo ideal que *De servo arbitrio* representava. Primeiro com a afirmação da liberdade humana nas questões exteriores, tal como Lutero também defendia, mas com o tempo abrindo espaço, a partir da ideia de que a pessoa teria liberdade para rejeitar a Deus, para descaracterizar o modelo original. A razão que Heinrich apresenta para esse processo é a de que com o passar do tempo Melanchthon teria se afastado da inspiração original de Lutero e voltado a cultivar os valores humanistas nos quais tinha sido educado na juventude. Esses valores humanistas o teriam levado a suavizar a radicalidade

---

<sup>19</sup> Nesse sentido, a interpretação de HEINE, Heinrich. *Zur Geschichte der Religion und Philosophie in Deutschland*. S. n. s. l., 1835. Ebook é distinta. Heine também entende Melanchthon como uma versão debilitada de Lutero, mas não por lamentar a dimensão teológica, e sim porque justamente entende o furor teológico de Lutero como uma base criativa inspiradora para a filosofia posterior.

da situação pecaminosa do ser humano, e, desse modo, possibilitado a revalorização da dimensão da vontade e da racionalidade humana cuja crítica implacável, para Heinrich, seria uma marca fundamental da antropologia teológica de Lutero.<sup>20</sup> O que esta posição revela é um determinado entendimento a respeito da relação entre fé e razão que situa a razão num patamar inferior, subordinado, daí caracterizar-se como dogmatismo. Pergunta-se, entretanto, se isso faz justiça a Melanchthon – e mesmo a Lutero. O panorama se modifica caso se pense em fé e razão como dimensões distintas, e não numa relação de subordinação. Diferentemente de Heinrich, é uma tal distinção de dimensões que se busca apresentar aqui como uma forma de interpretar Melanchthon que se mostra interessante também para a reflexão da filosofia da religião atual. Para isso, a elaboração de Melanchthon sobre a polaridade entre lei e evangelho, discutida abaixo, se mostrará importante. Quanto à questão da vontade, entretanto, cabe ainda perceber que o estudo de Heinrich consegue mostrar, apesar de não ser essa a sua intenção, que Melanchthon era um pensador vivo, e não um mero repetidor dogmático. O fato de ser um pensador sistemático o colocou frente a problemas que precisavam ser equacionados, e a crítica à noção de que o mal pudesse ser atribuído a Deus, como uma desculpa humana em relação ao seu pecado, o obrigou a continuar buscando formulações não deterministas para a dimensão da vontade humana, mesmo em relação a Deus.

Ernst Troeltsch, por sua vez, representa a crítica moderna aos resquícios de dogmatismo que se mantém na reflexão sobre a religião no século 19. Troeltsch é um dos principais representantes da teologia protestante liberal da época, e seus escritos apresentam características múltiplas, podendo ser classificados individualmente como filosofia da religião, história das ideias religiosas, sociologia da religião ou, de modo mais geral, como ciência da religião. Para a presente reflexão, interessa particularmente o que Troeltsch expõe a respeito da configuração elaborada por Melanchthon para a dinâmica entre lei e evangelho, uma vez que seria ela que teria possibilitado o desenvolvimento da concepção posterior da ortodoxia luterana quanto à compreensão da relação entre fé e razão, e, por extensão, entre fé e ciência, o que no estudo em questão ele exemplifica na obra do teólogo e filósofo Johann Gerhard.

Para compreender a elaboração de Melanchthon, entretanto, é preciso tomar como ponto de partida o que Lutero tinha formulado a respeito, pois assim se percebe mais nitidamente o que é comum a ambos e o que é o desenvolvimento próprio proposto por Melanchthon. Em Lutero, a dinâmica entre lei e evangelho funciona como princípio hermenêutico para a compreensão da Bíblia, mas, a partir daí, também para a reflexão

---

<sup>20</sup> HEINRICH, Peter, *op. cit.*

teológica em seu conjunto. O pesquisador de Lutero Oswald Bayer afirma o seguinte: “De acordo com Lutero, quando a teologia está centrada em sua causa, ela orienta-se, no tratamento de todos os seus temas, na diferenciação entre lei e evangelho e procura refletir o acontecimento no qual Deus vai ao encontro dos seres humanos no plano mundano e da linguagem, de tal modo que eles podem crer e agir livremente.”<sup>21</sup> Este princípio hermenêutico, segundo Bayer, serve para apontar a prioridade do evangelho, apesar de existencialmente o ser humano encontrar a lei primeiro. A lei representa a demonstração da falibilidade humana e sua distância de Deus. Ela é a primeira faceta da palavra de Deus, que revela a insuficiência humana na busca de resgatar a pessoa do seu auto-centramento destrutivo. O evangelho, por sua vez, é a segunda faceta, é a palavra da promessa divina que recebe o ser humano apesar da sua insuficiência. Mas a pessoa só pode ouvir essa segunda palavra quando reconhece sua situação de miséria.<sup>22</sup>

Esta concepção hermenêutica fundamental foi assumida por Melanchthon. No entanto, como bem o demonstra Troeltsch, a reflexão de Melanchthon desenvolveu esse princípio teológico básico também para o âmbito da compreensão do conhecimento humano. A questão era: dada a queda do ser humano no pecado, como compreender as tarefas gerais do conhecimento humano, com as quais Melanchthon particularmente se ocupava enquanto docente de várias disciplinas não teológicas, particularmente da Filosofia. Para que o ser humano não pudesse alegar desconhecimento da vontade divina e assim afirmar a Deus como causa do mal, seria necessário afirmar um resquício de conhecimento desta vontade divina apesar da queda. A noção de lei de Lutero, enquanto a palavra de Deus que acusa, serviu para isso. Melanchthon entendeu que a lei seria um conhecimento infundido no ser humano desde a criação. A queda no pecado impede o ser humano que conhecer essa lei plenamente, e principalmente o impede de cumpri-la, mas ele mantém um vislumbre da vontade divina. No processo do desenvolvimento de seu pensamento, Melanchthon aplicou essa ideia teológica para fundamentar a possibilidade de reflexões particularmente nas esferas da ética e do direito. Em seguida, à medida que precisava pensar a validade da formação educacional em geral, a esfera da lei foi entendida como dizendo respeito a todo o tipo de conhecimento que se poderia adquirir a partir das disciplinas acadêmicas estabelecidas. A abordagem de Troeltsch a respeito desse processo é primordialmente crítica. Para ele, Lutero tinha pensado a dinâmica entre lei e evangelho como forma de acentuar a liberdade humana – liberdade interior, pela superação de qualquer intermediação entre o divino e o humano, de modo que a

---

<sup>21</sup> BAYER, Oswald. *A teologia de Martin Lutero: Uma atualização*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 43.

<sup>22</sup> BAYER, *op. cit.*, p. 42-46.

graça divina libertava o ser humano para a vida no mundo. Melanchthon, pelo contrário, se apropriou desta distinção para revalorizar a lei, por sua preocupação com a ética, o direito, a fundamentação das ciências. De acordo com sua avaliação, nesse processo se perdeu a dimensão mística que Lutero tinha privilegiado, a qual libertava o ser humano da exterioridade. Melanchthon teria, ao contrário, inflado a importância da lei, de modo que ela não mais tivesse uma mera função acusadora com vistas à liberdade do evangelho, mas que ela em si mesma servisse como fundamentação da ética, da ciência e da própria estrutura social. E a crítica mais forte, então, é de que a dinâmica entre lei e evangelho se transformou numa estrutura análoga à da relação tomista entre natureza e graça. Mesmo que em si já não tivesse mais sido Melanchthon que tivesse desenvolvido esse esquema em seus detalhes, foi ele que abriu caminho para que a ortodoxia luterana utilizasse a sua fundamentação do conhecimento no conceito de lei para contrapor lei e evangelho no sentido de conhecimento racional contraposto a revelação divina. Assim, ao mesmo tempo que este esquema possibilitava uma certa autonomia para a reflexão racional, por outro lado submetia de fato esta reflexão à autoridade inquestionável da revelação, materializada, no caso protestante, na Bíblia. Daí a necessidade de que o Iluminismo destruísse esta estrutura conceitual para que a verdadeira liberdade de reflexão se constituísse, e daí também a dificuldade de reconciliação da reflexão moderna com a tradição religiosa. Para Troeltsch, esse processo traiu a pretensão libertária da Reforma, baseada na liberdade interior, ao conceber uma estrutura intelectualista que de fato voltava a impor o dogmatismo sobre a reflexão livre. Consequentemente, também serviu como uma forma de fundamentação para a autoridade eclesiástica.<sup>23</sup>

A exposição de Troeltsch é uma importante demonstração do caminho que de fato as reflexões de Melanchthon sobre a dinâmica entre lei e evangelho ajudaram a criar. Entretanto, por mais acurada que seja, ela também é marcada pela intenção polêmica com os resquícios de dogmatismo presentes em seu tempo. Nesse sentido, dois elementos positivos escapam da avaliação que ele faz. A primeira é o fato de que esta dinâmica entre lei e evangelho possibilita um olhar para a realidade distinto de um esquema evolutivo, característico na teologia da contraposição entre Antigo e Novo Testamento, da superação da aliança divina com Israel pela aliança com

---

<sup>23</sup> TROELTSCH, Ernst. Vernunft und Offenbarung bei Johann Gerhard und Melanchthon (1891). In: TROELTSCH, Ernst. *Kritische Gesamtausgabe*. Berlin: de Gruyter, Bd. 1: ALBRECHT, Christian, Ed. Schriften zur Theologie und Religionsphilosophie (1888-1902) 2009, 2. Kapitel, p. 200-337. EUSTERSCHULTE, *op. cit.*, p. 17, nota 11, exemplifica que no *Liber de anima* Melanchthon aponta o conhecimento infundido por Deus, que ele coloca sob o conceito de lei, como ponto inicial para o desenvolvimento das diversas artes do conhecimento humano. Cf. tb. PETERSON, *op. cit.*, que oferece num anexo as teses expostas a debate por Melanchthon no *Comentarius de anima*, p. 365-368. O fato de esta obra estar disponível *on line* facilita ao leitor brasileiro ter acesso direto a um texto escrito pelo próprio Melanchthon que trata desta questão. As referidas teses são apresentadas em seu original latino e em tradução para o inglês.

a Igreja cristã, da teologia de Joaquim de Fiori e da concepção dispensacionista de revelação; simultaneamente, trata-se de uma perspectiva distinta das versões secularizadas destes esquemas, presentes na crença no progresso humano do Iluminismo, no utopismo cientificista, nas teorias da história de Hegel e Marx, na visão comtiana. Melanchthon apresenta a distinção entre lei e evangelho como uma das características fundamentais da revelação divina, entendendo que a lei e o evangelho já estão presentes no primeiro diálogo de Deus com Adão e Eva – ali havia lei, havia condenação, mas também havia bênção e promessa.<sup>24</sup> Isso significa que lei e evangelho não operam num esquema de superação, mas de concomitância. Na linguagem teológica, isso significa que a pessoa sempre está simultaneamente sob o juízo e a graça. Assim, o desenvolvimento desta mesma simultaneidade na aplicação filosófica feita por Melanchthon, implicaria em que o conhecimento racional e o conhecimento revelado não se mostrariam simplesmente como um processo sequencial, e sim como uma concomitância de visões em tensão dinâmica – tanto se contrapondo, quanto se complementando. É certo que posteriormente não foi esse o desenvolvimento assumido por esse par de conceitos na tradição reflexiva. Mas ainda assim é possível alimentar a reflexão presente com a possibilidade aberta por essa perspectiva.<sup>25</sup>

Em segundo lugar, Troeltsch não valoriza o esforço por fundamentar as ciências a partir do que é possível no momento em que Melanchthon o faz. A caracterização geral do Renascimento é a de um tempo novo, mas, justamente por isso, completamente ambíguo. O humanismo não era somente uma perspectiva de valorização da arte e do conhecimento, mas era também um conjunto de noções confusamente justapostas, que conjugavam a ciência nascente com o ocultismo, a valorização moral com posturas moralistas, o cultivo da educação e da paz com uma contemplação distanciada da realidade histórica efetiva. Ou seja, o humanismo renascentista forneceu um conjunto de modelos experimentados de modo livre, mas formando um conjunto incoerente. Melanchthon fazia parte dessa situação. Era sobrinho-neto do humanista Johannes Reuchlin, eminente hebraísta e cabalista. O próprio Melanchthon lia Copérnico e cultivava a astrologia. Dentro desse contexto, ainda que com suas limitações, a aplicação da dinâmica entre lei e evangelho para pensar a estrutura do conhecimento e, assim, para operar como um elemento de valorização do processo pedagógico não deve ser

---

<sup>24</sup> Cf. MELANCHTHON, Filipe [MELANTON, Philippus]. *Loci commvnes rervm theologicarvm sev hypotyposes theologicae*. In: BRETSCHEIDER, Carol. Gottl.; BINDSEIL, Henricus Ernestus (Ed.). *Corpus Reformatorum: Philippi Melanthonis opera quae supersunt omnia* Brunsviga: Schwetschke, 1854, v. XXI, col. 140-141.

<sup>25</sup> Cabe aqui notar que isso não significa que Melanchthon não tivesse uma visão evolutiva da história. A sua apropriação de noções sobre as fases da história baseadas no livro de Daniel e em teorias cabalistas é apresentada por SCHEIBLE, *op. cit.*, p. 270.

desprezada em sua contribuição histórica, conforme já foi mencionado nas alusões acima aos estudos de Kasukawa. Ou seja, se na época de Troeltsch era importante criticar a ingerência religiosa dogmática na esfera da reflexão racional, na nossa é importante resgatar as contribuições que perspectivas teológicas ofereceram para o próprio desenvolvimento da racionalidade filosófica autônoma, ainda que obviamente limitadas ao seu contexto. Este resgate é particularmente significativo ao se valorizar positivamente a percepção da limitação que a estrutura da razão apresenta — dessa forma, não há espaço para uma racionalidade que pretendesse possuir todas as respostas fundamentais, nem para qualquer fundamentação científica de um conhecimento de natureza sobrenatural.

### ***O uso do conceito *adfectus* por Melanchthon na argumentação de sua antropologia***

Desde os *Loci Theologici* de 1521, o uso do termo *adfectus* (afeição, afeto, *pathos*) por Melanchthon aponta para a dimensão patética que opera concretamente na existência humana, incluindo-se aí não só as decisões da vontade com relação à vida exterior, mas também a própria capacidade de auto-compreensão. Horst Pöhlmann sintetizou as influências sofridas por Melanchthon com relação ao seu uso deste termo, destacando dentre estas a de Ficino, com reverberações de Pedro Lombardo e Agostinho. Os termos neoplatônicos *raptus* e *extasis* também são utilizados nesta obra em conexão com *adfectus*, o que demarca a ênfase colocada por Melanchthon na indisponibilidade dos *adfectus* para a força da vontade e do intelecto. Pöhlmann afirma que, ao contrário do pensamento de Duns Scotus, de Platão e de Aristóteles, em Melanchthon são os *adfectus* que condicionam a vontade, de modo que tanto o intelecto quanto a vontade não são entendidas como capacidades dominantes.<sup>26</sup> No contexto dos *Loci theologici*, esta apropriação do termo por Melanchthon serve para se contrapor a uma concepção de livre arbítrio que apresenta um caráter abstrato, como ele entendia ter sido feito pelos escolásticos, em relação ao que de fato ocorre na existência humana.

Em oposição a isso, os afetos internos não estão em nosso poder. Pois pela experiência e pela prática verificamos não poder a vontade espontaneamente estabelecer amor, ódio ou afetos similares, mas que um afeto é vencido por

---

<sup>26</sup> MELANCHTHON, Filipe [Philipp]. (PÖHLMANN, Horst Georg, trad. e notas explicativas). *Loci Communes 1521: Lateinisch — Deutsch*, 2. Aufl. Gütersloh : Gütersloher Verlagshaus, 1997, p. 44-45, nota 83. Christian Preuss, por sua vez, destaca a apropriação terminológica da obra *De mystica theologia*, de Gerson, por parte de Melanchthon. MELANCHTHON, Filipe [Philip]. *Commonplaces: Loci Communes 1521*. (PREUS, Christian, transl., introd. and notes). Saint Louis: Concordia, 2014. Ebook, nota 32.

outro, assim como, porque foste lesado por aquele que amavas, paras de amar. Pois amas mais ardentemente a ti do que a qualquer outro.<sup>27</sup>

Cabe destacar, dessa citação, a afirmação de que “um afeto é vencido por outro”. Esta compreensão é utilizada por Melanchthon no contexto teológico para reforçar a situação existencial do ser humano caído. No caso, trata-se, na direção contrária do que antes foi apresentado com a apropriação filosófica da dinâmica conceitual teológica entre *lei e evangelho*, de uma apropriação teológica de uma terminologia filosófica. Curiosamente, trata-se de uma percepção que pode ser comparada com perspectivas como as de Nietzsche e Freud, mesmo que, evidentemente, dentro de uma estrutura geral de pensamento completamente distinta.

A conexão entre esta perspectiva antropológica complexa com a apropriação filosófica da dinâmica teológica entre *lei e evangelho* é apontada por Anne Eusterschulte em seu estudo sobre o conceito de *Assensio* na ética filosófica de Melanchthon. O ponto de partida é que aquele conhecimento da vontade divina (da lei) infundido por Deus na criação humana não é ele próprio uma capacidade humana, mas uma dádiva divina.<sup>28</sup> É aí que se compreende a afirmação de Pöhlmann de que esse condicionamento da vontade e do intelecto às paixões não leva a um fatalismo, mas à busca pelo domínio do afeto espiritual, infundido por Deus.<sup>29</sup> Eusterschulte destaca que também na filosofia ética de Melanchthon a ideia é de que as capacidades anímicas humanas estão fragilizadas, dada a situação existencial da queda. Os afetos contraditórios que confundem o coração humano impedem uma compreensão racional, de modo que é necessário encontrar também para a ação ética uma motivação afetiva.<sup>30</sup>

Neste caso, a apropriação teológica do conceito filosófico de *adfectus* acaba tendo a função de mostrar os limites da filosofia no que diz respeito à compreensão da religião. Como aponta Eusterschulte, a filosofia pode chegar até o ponto de se manifestar como uma admoestação à vida ética e aberta à transcendência, como uma lembrança de um estado ideal

---

<sup>27</sup> “Contra, interni adfectus, non sunt in potestate nostra, Experientia enim usuque comperimus non posse voluntatem sua sponte ponere amorem, odium, aut similes adfectus, sed adfectus adfectu vincitur, ut quia laesus es ab eo quem amabas, amare desinis.” MELANCHTHON, Filipe [MELANTON, Philippus]. *Loci communes rerum theologicarum seu hypotyposes theologicae*. In: BRETSCHEIDER, Carol. Gottl.; BINDSEIL, Henricus Ernestus (Ed.). *Corpus Reformatorum: Philippi Melanthonis opera quae supersunt omnia* Brunsviga: Schwetschke, 1854, v. XXI, col. 90.

<sup>28</sup> EUSTERSCHULTE, Anne. *Assensio: Wahlfreiheit in Melanchthons theologischer Grundlegung einer philosophischen Ethik*. In: FRANK, Günter; MUNDT, Felix (Ed.) *Der Philosoph Melanchthon*. Berlin, Boston: de Gruyter, 2012, p. 16.

<sup>29</sup> MELANCHTHON, Filipe [Philipp]. (PÖHLMANN, Horst Georg, trad. e notas explicativas). *Loci Communes 1521 : Lateinisch — Deutsch*, 2. Aufl. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1997, p. 44-45, nota 83.

<sup>30</sup> EUSTERSCHULTE, *op. cit.*, p. 17.

que não é a realidade existencial de fato, como uma exortação em relação à necessidade de reconhecimento deste estado de penúria em que a vida se dá.<sup>31</sup> Ou seja, ela diz respeito à dimensão externa e pública da vida, e nesse âmbito pode ajudar a encaminhar melhoras na organização política, na educação e na condução ética. Mas ela não tem para Melanchthon a capacidade de produzir a transformação existencial que a fé significa. Nesse sentido, a infusão do afeto divino é fundamental para que a contribuição exterior da filosofia possa chegar a ser uma transformação também interior da pessoa, de modo que a condução da vontade e do intelecto possa se dar de forma plena em direção ao bem que também a filosofia almeja. Como sintetiza Anne Eusterschulte, a partir de uma das importantes obras de ética filosófica escritas por Melanchthon, *Eticae Doctrinae Elementa II*:

Para levar a vontade, respectivamente o coração, à harmonia com a razão natural, é necessário encarar afetos anti-rationais. Mas para dominá-los a razão sozinha não está preparada. Aqui incide como pressuposto a firmeza na fé.<sup>32</sup>

## Conclusão

Melanchthon não elaborou uma filosofia da religião, até porque a expressão não estava em uso em sua época. Sua obra é a de um erudito multifacetado, característica de tantos outros pensadores do humanismo renascentista. Como tantos outros desses humanistas, a reflexão teológica tem grande importância em sua obra. No seu caso, esta ganhou centralidade, por ser ele uma das figuras de primeira grandeza do movimento reformador. Assim, a sua reflexão filosófica deve ser vista como uma filosofia teológica. Esta, por sua vez, manifesta tanto uma importância histórica, pelas perspectivas que se desenvolveram a partir dela, quanto também mantém aspectos relevantes para a tematização da filosofia da religião na atualidade.

Esta filosofia teológica de Melanchthon foi elaborada de modo eclético. Se vislumbrarmos, entretanto, o conjunto da sua proposta quanto à função que a filosofia tem em relação à religião, a perspectiva sintetizada por Anne Eusterschulte parece ser acertada. Para ele, a filosofia opera como um instrumento para a compreensão da fé religiosa e para a elucidação das suas consequências práticas (cf. referência 17 acima). Daí a sua atenção dedicada à ética, à lógica e à retórica.

<sup>31</sup> EUSTERSCHULTE, *op. cit.*, p. 20.

<sup>32</sup> "Um den Willen bzw. das Herz in Einklang mit der natürlichen Vernunft zu bringen, ist vernunftwidrigen Affekten zu begegnen. Diese aber zu bewältigen, ist die Vernunft allein nicht in der Lage. Hier greift die Festigkeit im Glauben als Voraussetzung." EUSTERSCHULTE, *op. cit.*, p. 23.

Quanto à importância histórica da contribuição de Melanchthon à filosofia, verifica-se que sua obra merece ser resgatada de uma série de mal-entendidos que a envolvem. Primeiro ela merece ser examinada como resultado da sua própria atividade reflexiva, e não simplesmente como desdobramentos de ideias alheias. Segundo, é preciso superar as visões que cindem a sua reflexão entre o seu aspecto teológico e o seu aspecto humanista – mesmo que, evidentemente, não negando especificidades próprias no tratamento de temas particulares. A partir disso, é possível reconhecer as suas contribuições para a filosofia posterior, como em graus diversos mostram diferentes estudiosos referidos acima. Merece ser mencionada especificamente aqui a formulação de um esquema racional básico que permitiu a reestruturação da cultura acadêmica de sua época rumo à grande transformação que o Iluminismo proporia mais tarde.

Especificamente no que diz respeito a questões que permanecem importantes para nós a partir das elaborações melanchthonianas, o primeiro elemento a destacar é a concepção de que fé e razão são dimensões distintas. Para tal distinção, apresenta-se aqui em uma linguagem atualizada o que acima se discutiu sobre a dinâmica entre lei e evangelho. Melanchthon, seguindo nisso a Lutero, prioriza a compreensão da fé como confiança em Deus (*fiducia*). Entretanto, não nega que um aspecto cognitivo sempre está implicado em qualquer ato de confiança. Mas para ele a razão, em sua própria especificidade, não penetra neste âmbito propriamente existencial em que um ato de confiança ocorre. Ela nem pode preparar o caminho para tal ato. Ela opera no ser humano em um outro espaço, o da exterioridade, não o da interioridade ou intimidade em que a confiança atua. É nesse sentido que, havendo a confiança no divino, a razão é fundamental para externalizar na vida concreta do melhor modo o que brota daquela confiança fundamental. Mas a razão – e, para nosso tema, a filosofia da religião – não tem a possibilidade de criar, favorecer ou preparar este ato de confiança. Ela tem sim a capacidade de examinar as características exteriores da fé e da religião, e nesse sentido até chegar a compreender que a religião depende da fé para ser o que é. Ou seja, a razão consegue atingir a consciência de seus próprios limites em relação à religião. Esta interpretação da perspectiva de Melanchthon não visa torná-lo anacronicamente um kantiano. Melanchthon mesmo discutiu em suas obras argumentos racionais em favor da existência de Deus. Mas esta interpretação apresenta a perspectiva da distinção categorial entre lei e evangelho, tão fundamental em seu pensamento, como um solo preparatório em que o desenvolvimento filosófico posterior, com a ruptura moderna, pudesse ser realizado por Kant (e assumido por Troeltsch).

Além disso, a dinâmica entre lei e evangelho também serve de estímulo para a reflexão sobre a importância da antropologia filosófica para a compreensão da relação entre o ser humano e a sua percepção do sagrado. Para Melanchthon, tanto a lei quanto o evangelho são manifestação do

divino. A seu modo, o mesmo foi assumido mais tarde na filosofia da religião do luterano Rudolf Otto, com a distinção e complementaridade entre o aspecto *tremendum* e o aspecto *fascinans* do sagrado. Mas em Otto a preocupação maior está no resgate da dimensão irracional desta dinâmica, de modo que convém pensar mais numa apropriação da forma de relação entre lei e evangelho de Lutero do que da de Melanchthon, que acentua justamente ao contrário a dimensão racional que a esfera da lei representa. A partir do exposto no presente artigo, uma contribuição de Melanchthon que merece continuar sendo pensada é a do entendimento da apreensão do divino pelo humano de uma forma que não se reduz a esquemas evolutivos. Não que esses não devam ser motivo de interesse na filosofia da religião. Mas Melanchthon, em paralelo com Otto, serve para apontar a importância das abordagens categoriais na representação do fenômeno religioso. Esse tipo de abordagem não reduzida ao histórico, em que se discute a partir de uma característica pretensamente universal da apreensão que o ser humano tem do divino, não deixa de ter suas limitações, evidentemente. Mas ela também é fundamental para evitar o reducionismo historicista da compreensão da religião, que justamente parece novamente dominante no presente.

Além disso, a dinâmica entre lei e evangelho de Melanchthon também possibilita conceber a dimensão do conhecimento humano adquirido pelas ciências como concomitante com a dimensão religiosa e o outro tipo de conhecimento que dela advém. Nesse sentido, uma releitura de Melanchthon a partir da crítica de Troeltsch é fundamental. Não pode se tratar em absoluto de conceber o âmbito do religioso como fonte de um conhecimento sobrenatural inatacável à razão, como fez (em vão) a ortodoxia luterana. Trata-se de reconhecer a dimensão religiosa como uma esfera experiencial (cf. *Erlebnis*), pessoal e comunitária, em que o intercâmbio dessa experiência constrói tradições de compreensão comuns dessa experiência. Ao mesmo tempo que esta esfera íntima da religiosidade se expressa nessas tradições e se reencontra nelas, ela não pode negar o conhecimento que se produz a partir da exterioridade, representada pelo emprego público da razão, comum a todos, e disponível para um outro tipo de experiência (cf. *Erfahrung*). Esta, por sua vez, está limitada em sua capacidade de juízos últimos sobre as experiências interiores que caracterizam o âmbito religioso. A auto-compreensão, pessoal e comunitária, advinda da experiência religiosa implica numa determinada perspectiva sobre si e sobre a realidade do mundo, formando assim um tipo de conhecimento. Mas esse não pode nem simplesmente se contrapor nem substituir o conhecimento que a racionalidade pública demonstra. Nem tem por que simplesmente se anular em função dela. Trata-se de uma atividade concomitante, tanto na pessoa, quanto nas comunidades religiosas, quanto na sociedade em geral, que é fonte de complementaridade, de tensão e, por vezes, de incompreensão ou até de desespero. Mas conceber a situação como comportando duas dimensões possibilita uma compreensão significativa

da relação entre a religião e a racionalidade, assumindo conscientemente a tensão que é inerente a isso.

O reconhecimento da debilidade da razão diante dos afetos, por fim, é mais uma noção de Melanchthon que mantém toda a sua atualidade. Trata-se do acento na perspectiva existencial e do limite prático da razão, já apontados nessa conclusão, mas agora em relação com o reconhecimento de que a racionalidade opera em meio a vicissitudes que, em última instância, fogem ao seu controle. Para Melanchthon, esse limite se expressava na impossibilidade de a razão e a filosofia por si sós levarem à bem-aventurança. Por mais que a autonomia da razão frente à teologia seja uma conquista irrenunciável, ao mesmo tempo é preciso reconhecer o quanto posturas de auto-suficiência racionalista têm significado de empobrecimento das dimensões múltiplas que caracterizam a existência humana e os perigos concretos que sistemas filosóficos tem acarretado com o estabelecimento de ideais autoritários. Pode-se com toda justeza pensar que a razão bem empregada seja suficiente para corrigir esses excessos ou enganos da razão. Em todo caso, a lembrança simbólica de uma insuficiência intrínseca à racionalidade humana serve de alerta perene para o caráter infinito da necessidade deste processo de correções.

## Bibliografia

A CONFISSÃO de Augsburgo (1530). In: LIVRO de concórdia, 3a. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1983, p. 23-93.

ALBRECHT, Paulo Samuel. *Filipe Melanchthon (1497-1560): Vida, Teologia e Figura do Outro Reformador de Wittenberg*. Dissertação de mestrado em Teologia. Rio de Janeiro: PUC, 2013.

BAYER, Oswald. *A teologia de Martin Lutero: Uma atualização*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

DUBOIS, Claude-Gilbert. *O imaginário da Renascença*. Brasília: Editora UnB, 1995.

EUSTERSCHULTE, Anne. Assensio: Wahlfreiheit in Melanchthons theologischer Grundlegung einer philosophischen Ethik. In: FRANK, Günter; MUNDT, Felix (Ed.) *Der Philosoph Melanchthon*. Berlin, Boston: de Gruyter, 2012, p. 11-43.

FRANK, Günter. *Die theologische Philosophie Philipp Melanchthons*. Leipzig: Benno, 1995.

FRANK, Günter. Einleitung: Zum Philosophiebegriff Melanchthons. In: FRANK, Günter; MUNDT, Felix (Ed.) *Der Philosoph Melanchthon*. Berlin: de Gruyter, 2012a, p. 1-10.

FRANK, Günter. *Gedenken und Erinnern — Der südwestdeutsche Humanismus und die Europäische Kulturgeschichte*. Disponível em: LOEBLICHE-SINGER-PFORZHEIM.

Disponível em: <<http://archiv.loebliche-singer-pforzheim.de/RedeFrank2004.html>>. Acesso a 14/11/2016.

FRANK, Günter. Melanchthon — der „Ethiker der Reformation“. In: FRANK, Günter; MUNDT, Felix (Ed.) *Der Philosoph Melanchthon*. Berlin, Boston: de Gruyter, 2012b, p. 45-75.

FRANK, Günter; MUNDT, Felix. Vorwort der Herausgeber. In: FRANK, Günter; MUNDT, Felix (Ed.) *Der Philosoph Melanchthon*. Berlin : de Gruyter, 2012, p. 1-10.

GRAF, Friedrich Wilhelm. Der „Systematiker“ der „Kleinen Göttinger Fakultät“. Ernst Troeltschs Promotionsthesen und ihr Göttinger Kontext. In: GRAF, Friedrich Wilhelm. *Fachmenschenfreundschaft: Studien zu Troeltsch und Weber*. Berlin: De Gruyter, 2014, p. 153-213.

HEINE, Heinrich. *Zur Geschichte der Religion und Philosophie in Deutschland*. S. n: s. l., 1835. Ebook.

HEINRICH, Peter. *Die Frage der menschlichen Willensfreiheit : Eine kurze Darstellung und Beurteilung ihrer Aufnahme und Entwicklung unter besonderer Berücksichtigung der Loci communes*. Nordhausen : Traugott Bautz, 2003. Ebook.

JUNGHANS, Helmar. Filipe Melanchthon como secretário teológico. In: \_\_\_\_\_. *Temas da teologia de Lutero*, 2a. ed. São Leopoldo : Sinodal, 2007, p. 140-169.

KUSUKAWA, Sachiko. *The Transformation of Natural Philosophy: The Case of Philip Melanchthon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MELANCHTHON, Filipe. Apologia da Confissão de Augsburg. In: LIVRO de concórdia, 3a. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre : Concórdia, 1983, p. 97-304.

MELANCHTHON, Filipe [Philip]. Commonplaces: Loci Communes 1521. (PREUS, Christian, transl., introd. and notes). Saint Louis : Concordia, 2014. Ebook.

MELANCHTHON, Filipe [MELANTHON, Philippus]. *Explicatio symboli niceni*. In: BRETSCHEIDER, Carol. Gottl.; BINDSEIL, Henricus Ernestus (Ed.). *Corpus Reformatorum: Philippi Melanthonis opera quae supersunt omnia Brunsviga*: Schwetschke, 1855, V. XXIII, col. 347-584.

MELANCHTHON, Filipe [Philipp]. (PÖHLMANN, Horst Georg, trad. e notas explicativas). *Loci Communes 1521 : Lateinisch — Deutsch*, 2. Aufl. Gütersloh : Gütersloher Verlagshaus, 1997.

MELANCHTHON, Filipe [MELANTON, Philippus]. Loci commvnes rervm theologicarvm sev hypotyposes theologicae. In: BRETSCHEIDER, Carol. Gottl.; BINDSEIL, Henricus Ernestus (Ed.). *Corpus Reformatorum: Philippi Melanthonis opera quae supersunt omnia Brunsviga* : Schwetschke, 1854, v. XXI, col. 60-229.

MELANCHTHON, Filipe. *Lutero visto por um amigo*. Tradução de Walter Hesse. Porto Alegre: Concórdia, 1983.

MELANCHTHON, Filipe [Philip]. (MANSCHRECK, Clyde L., Ed., trad.). *Melanchthon on Christian Doctrine: Loci Communes 1555*. New York: Oxford University Press, 1965.

MELANCHTHON, Filipe. [MELANCHTHON, Philip.] (KUSUKAWA, Sachiko, Ed.) *Philip Melanchthon: Orations On Philosophy and Education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MUNDT, Felix. Melanchthon und Cicero. Facetten des Eklektizismus am Beispiel der Seelenlehre. In: FRANK, Günter; MUNDT, Felix (Ed.) *Der Philosoph Melanchthon*. Berlin: de Gruyter, 2012, p. 147-171.

PETERSEN, Peter. *Geschichte der aristotelischen Philosophie im protestantischen Deutschland*. Leipzig: Meiner, 1921.

PETERSON, Charles William. *The Humanistic, Fideistic Philosophy of Philip Melanchthon (1497-1560)*. Tese. Doutorado em Filosofia. Marquette University. Milwaukee, 2012. Disponível em: <[http://epublications.marquette.edu/dissertations\\_mu/237/](http://epublications.marquette.edu/dissertations_mu/237/)>. Acesso a 20/08/2017.

RIETH, Ricardo Willy. O pensamento teológico de Filipe Melanchthon (1497-1560). *Estudos Teológicos*. São Leopoldo: EST. V. 37, n. 3, p. 223-235, 1997.

ROLING, Bernd. Melanchthon im Streit um den Ursprung der Seelen: Die Debatte zwischen Johannes Sperling und Johannes Zeisold. In: FRANK, Günter; MUNDT, Felix. *Der Philosoph Melanchthon* (Ed.) Berlin: de Gruyter, 2012, 173-199.

SCHEIBLE, Heinz. *Melanchthon: Uma biografia*. São Leopoldo : Sinodal, EST, 2013.

SCHMIDT-BIGGEMANN, Wilhelm. Topik und Loci Communes: Melanchthons Traditionen. In:

FRANK, Günter; MUNDT, Felix (Ed.) *Der Philosoph Melanchthon*. Berlin, Boston: de Gruyter, 2012, p. 77-93.

SCHÜLER, Arnaldo. Filipe Melanchthon: nascido para o diálogo. *Igreja Luterana*, v. 56, Jun. 1997, p. 7-14.

TROELTSCH, Ernst. *Vernunft und Offenbarung bei Johann Gerhard und Melanchthon (1891)*. In: TROELTSCH, Ernst. *Kritische Gesamtausgabe*. Berlin: de Gruyter, Bd. 1: ALBRECHT, Christian, Ed.: *Schriften zur Theologie und Religionsphilosophie (1888-1902)* 2009, p. 73-338.

WENGERT, Thimoty J. *Philip Melanchthon on Human and Divine Freedom. Dialog: A Journal of Theology*. V. 39, n. 4, Winter 2000, p. 262-266.

WESTHELLE, Vitor; ZWETSCH, Roberto. *Fides et Ratio*. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

WORTMANN, Klaas. *Religião e ciência no Renascimento*. Brasília: Editora UnB, 1997.

Endereço do Autor:

Prof. Eduardo Gross

Rua do Imperador, 342, Condomínio Bosque Imperial

36036-464 Juiz de Fora – MG

eduardo.gross@ufjf.edu.br.